

Contribuição para o estudo antropológico, etnográfico e linguístico dos índios Kashuiéna, assim como de fenômenos de aculturação¹

Gottfried Polykrates

POLYKRATES, G. Contribuição para o estudo antropológico, etnográfico e linguístico dos índios Kashuiéna, assim como de fenômenos de aculturação. *R. Museu Arq. Etn.* 37: 66-75, 2021.

Resumo: Este texto é baseado em visitas realizadas por Polykrates, nos anos de 1957 e 1958-59, aos chamados índios Kashuiéna (Katxuyana), moradores da região do rio Cachorro. Inicialmente, o autor aborda aspectos antropológicos, mais precisamente relacionados à antropologia física, com destaque para a morfologia dos pés das pessoas, bem como do corpo em geral, e para a aparência física dos moradores das aldeias visitadas. Polykrates também apresenta uma caracterização rápida do modo de vida do grupo e uma lista de palavras na língua local. Por fim, descreve algumas situações que, segundo ele próprio, revelam a existência de um rápido processo de aculturação atingindo os Kashuiéna.

Palavras-chave: Antropologia física; Língua Kashuiéna; Aculturação; Pesca; Modo de vida.

A segunda expedição dinamarquesa do Museu Nacional de Copenhague para a Guiana Inglesa e o Brasil foi realizada entre junho de 1958 e janeiro de 1959 (Polykrates 1959, 1960), com apoio do Fundo Geral para o Financiamento das Ciências da Dinamarca. Durante essa segunda expedição, assim como quando da minha primeira visita aos índios Kashuiéna no verão de 1957, acompanhei o inspetor do Museu, sr. Jens Yde. Nessa ocasião, pudemos constatar fenômenos de aculturação, além de interessantes e inevitáveis observações antropológicas.

Digno de atenção é o posicionamento dos pés dos indígenas, fortemente projetados para dentro, principalmente durante o andar. Trata-se aqui de uma série de interessantes deformidades do pé. Em princípio, foram encontradas ocorrências significativas de pé torto, embora não muito desenvolvidas,

em combinação com pé chato e hálux varo² (embora tal composição contraditória seja um tanto peculiar), principalmente em mulheres (FIG. 1A, 1B). Para aproximar-se das causas de tais ocorrências, é preciso investigar e pesquisar se essas são deformidades primárias, secundárias, causadas ou de estresse.

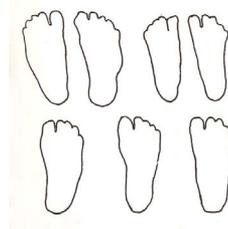


Fig. 1A. Pés de homens. Pé chato e hálux varo claramente perceptíveis.

1 Tradução: Sayuri Arakawa.

2 O professor doutor Berthelsen, ortopedista do Hospital em Copenhague, afirmou “ter visto algo parecido na Groenlândia”.

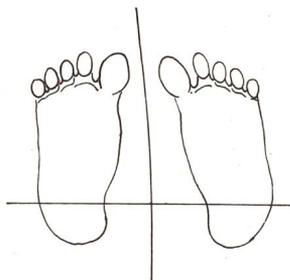


Fig. 1B. Pés de uma mulher Kashuiéna. Observar o posicionamento dos pés com relação ao eixo corporal.

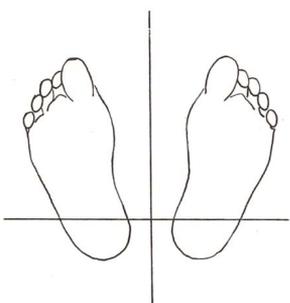


Fig. 1C. Posicionamento normal dos pés. Pés de pessoas da cidade e seu posicionamento com relação ao eixo corporal.

Deformidades primárias são aquelas condicionadas pela disposição embrionária, portanto, endógenas. A este grupo pertence o pé torto congênito. A hereditariedade e a incidência familiar exercem um papel importante nesse tipo de malformação. Outra observação importante a ser feita é que essas deformidades são muito frequentemente simétricas e ocorrem, em sua maioria, associadas a outras malformações congênicas.

Deformidades congênicas secundárias são condicionadas por fatores externos não hereditários, como falta de líquido amniótico, tumores no útero grávido etc. Pode-se classificar as malformações congênicas primárias como típicas e as secundárias como atípicas.

Denominam-se deformidades de estresse aquelas causadas sob a ação mecânica do corpo. Dentre elas estão as deformidades próprias da idade de crescimento, por exemplo, certo grau de escoliose e, principalmente, o pé chato.

De acordo com a concepção vigente, o desgaste predominantemente estático também

é capaz de causar deformidades em ossos completamente intactos, da mesma forma que o impacto contínuo o faz. Note-se que a maioria das crianças vem ao mundo com pernas tortas. No início são joelhos varos e após o terceiro ano de vida, desenvolvem-se joelhos valgos. Essas são deformidades fisiológicas cuja causa reside em um bloqueio do desenvolvimento, em parte, condicionado à hereditariedade.

Da mesma forma, as deformidades dos membros inferiores durante a adolescência estão em parte relacionadas, como demonstrou Böhm, às formas de esqueleto primitivo que resistiram ao seu desenvolvimento³.

Com relação ao pé torto, é a deformidade de pé congênita mais comum e pertence às falhas de formação primárias e típicas. A deformidade do pé torto verdadeiro consiste na junção de quatro componentes: (1) a adução do pé em direção à perna; (2) a flexão plantar; (3) a supinação; e (4) um aumento anormal da curvatura do pé, descrita como inflexão. Neste caso, frequentemente aparece como fenômeno importante associado ao encurtamento do tendão de Aquiles, provocando a curvatura acentuada do calcanhar para cima (FIG. 2 e 3B).

3 Com o propósito de levantar alguns pontos de referência para contextualização deste texto, escrito em 1961 pelo etnógrafo amador G. Polykrates, é interessante lembrar que naquele momento vigoravam diferentes modelos explicativos e abordagens na antropologia. Apenas para colocar em perspectiva os comentários do autor, destacamos dois exemplos: o Culturalismo Norte-americano, surgido nos anos de 1930, e a Antropologia Simbólica e Interpretativa, do final dos anos 1950, que estavam em curso naquele momento e que tinham como propósito, entre outros, compreender e analisar a diversidade humana a partir de diferentes paradigmas. Parte do texto de Polykrates, incluindo as figuras de 1 a 8, bem como sua análise e comentários sobre elas, parece se fundamentar numa perspectiva da Antropologia Física (biológica), área dedicada aos estudos da evolução humana a partir de métodos comparativos da anatomia humana, entre outros. Praticada desde fins do século XIX, essa abordagem ganhou força nas primeiras décadas do século XX, declinando consideravelmente no pós-Segunda Guerra. Preocupada com a evolução humana, seu desenvolvimento e adaptação, a Antropologia Física foi usada em diferentes momentos aliada a teorias e abordagens que delineavam sistemas classificatórios, níveis ou ainda estágios evolutivos hierárquicos entre as sociedades humanas, embasando em alguns momentos, teorias e políticas racistas e discriminatórias. A chamada Escola Evolucionista na Antropologia, surgida no século XIX, seria uma das que lançou mão da abordagem da Antropologia Física. [N.O.]



Fig. 2

Fig. 3

Fig. 2. *Pé chato.*

Fig. 3. *Pé torto.*

O pé chato também é uma das deformidades do pé mais comuns. Pode ser congênito, sendo que quase todas as pessoas nascem com uma ocorrência leve de pé chato. O pé chato fisiológico não é provocado, como se pode supor, pelo corpo adiposo na sola do pé; ele é um formato “primitivo”, causado geralmente pela falta de tônus muscular. Ao final do primeiro ano de vida, o aumento gradual do tônus muscular ajusta a curvatura fisiológica do pé. Se o pé chato não desaparece após o primeiro ano de vida e se intensifica com a ação do estresse, trata-se então de uma condição degenerativa, de predisposição hereditária, ou é um pé chato raquítico. O pé chato tardio é uma deformidade de estresse acentuada e se desenvolve pelo aumento do estresse ou pela fraqueza anormal de ligamentos e músculos.

Para melhor entender a patogênese do pé chato estático, algumas observações são necessárias. O pé é estruturado de forma que se apoia parcialmente no solo, tocando-o somente em três pontos, quer esteja parado ou andando: o calcâneo e os ossos do primeiro e quinto metatarsos. Sobre esses três pontos de apoio existe um sistema de arcos longitudinais e transversais, seguro por estruturas formadas pela fásia plantar, a musculatura e as articulações da sola do pé. Normalmente, tal estrutura de apoio se equilibra com o estresse suportado. Porém, uma vez interrompida essa relação de equilíbrio, quer seja pelo aumento do estresse ou pela fraqueza dos ligamentos e articulações, ocorre o

afundamento da curvatura do pé, impactando em primeiro lugar seu ponto mais fraco, o ligamento talonavicular (FIG. 4). O pé chato é descrito como a contrapartida do pé torto, o que é incorreto; mas, ao mesmo tempo, deve-se admitir que alguns componentes desses tipos de deformidade são exatamente contrários. É também significativo para este estudo que, em pés chatos de alto grau, o calcâneo apareça projetado para fora devido à flexão plantar característica do pé chato na articulação subtalar e, por isso, o tendão de Aquiles seja secundariamente encurtado.

Finalmente, mencionamos o hálux varo. O hálux varo é a posição de adução do dedão do pé na articulação metatarsofalangeana. É muito raramente observado na Europa e ocorre quase somente em combinação com outras deformidades do pé, entre elas, o pé torto (FIG. 5).

Como conclusão, consta que:

1. A ocorrência de pé torto é descrita tanto como deformidade primária ou típica quanto como secundária ou atípica.
2. O pé chato deve ser apontado também como uma deformidade de estresse, já que ocorre mais pronunciadamente entre as mulheres e não foi constatado em exames com crianças.
3. Deve-se considerar que o hálux varo, em primeiro lugar, tem ligação com o pé-torto (entre crianças pequenas, aquele não foi observado, mas havia ocorrência clara deste) e, em segundo lugar, é uma deformidade tardia, já que o dedão é concebido para ser um órgão de suporte.



Fig. 4

Fig. 5

Fig. 4. *Hálux varo.*

Fig. 5. *Hálux valgo.*

O processo de pisar primeiro com o calcanhar e depois com o resto do pé, à frente, sem um processo gradual (o que qualquer um pode notar no andar dos indígenas), tem sua origem nas deformidades mencionadas anteriormente, pelo consequente encurtamento do tendão de Aquiles. Outra observação – que não tratarei em profundidade, uma vez que me falta formação nessa área técnica – diz respeito aos pés das mulheres Kashuíéna, que apresentaram rachaduras com sangue, aparentemente causadas por falta de vitaminas (assim como os pés dos nossos dez guias indígenas que nos acompanharam no início da segunda expedição, descendentes das tribos Waiwái, Hishkaruíéna, Mawayiéna e Chereo).

Também é interessante o fato de que observamos dois casos de hálux valgo. A ideia de que o aparecimento de hálux valgo seja devido somente a saltos altos e calçados pontudos, muito usados e preferidos pelas mulheres, deve estar incorreto. Apesar disso, não se deve negar certa exatidão nesse argumento (FIG. 4). O hálux valgo também é encontrado em pessoas que andam descalças com frequência, como no caso dos indígenas (também observei tal deformidade em ciganos), que de maneira alguma usam calçados pontudos ou com saltos altos.

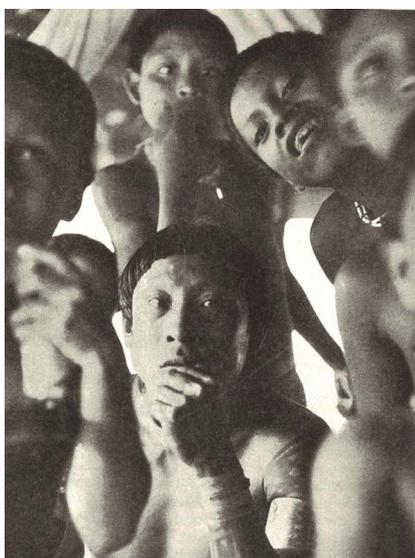


Fig. 6. Os índios Kashuíéna têm, em sua maioria, rosto largo com olhos bastante separados.



Fig. 7A. Kashuíéna típico. Nariz largo com narinas carnudas.

Apesar dos pés predominantemente grandes, largos e grosseiros, as mulheres têm mãos pequenas e graciosas.

Os índios Kashuíéna têm altura média, variando em torno dos 1,60 m. Eles podem ser incluídos no grupo de estatura média dos índios de floresta da América do Sul (Steggerda 1950: 5859).

Seus rostos são largos e redondos, com maçãs bastante proeminentes e os olhos distantes um do outro, alguns com olhos cerrados. Os lábios são geralmente carnudos e as bocas, grandes. O nariz é largo, na maior parte das vezes com narinas carnudas. O perfil é quase idêntico ao de um europeu central, com nariz reto (FIG. 5, 6, 7).

Apresentam pouco volume de pelos como nas sobrancelhas e cílios, axilas, virilha, corpo e barba. Além disso, esses escassos pelos são cortados ou arrancados.

Seus cabelos são negros, com reflexos marrons e estrutura firme. Apesar disso, os cabelos das crianças apresentam tonalidades desde marrom a louro.

Quando da minha primeira visita, os homens ainda usavam os cabelos compridos, pendendo bem soltos ou presos com cordões de fibras (FIG. 8).



Fig. 7B. O cacique. Olhos distantes um do outro e nariz largo.



Fig. 7C. O perfil dos Kashuiéna se aproxima ao do homem europeu-central.

Pode-se também perceber nos homens certa aparência feminina, embora sejam fortes e tenham uma boa constituição física. Eles não apresentam cintura. Sua figura se assemelha mais a de um funcionário de escritório europeu do que a de um caçador, mais voltada para o tipo corpulento.

A figura das mulheres sofre com partos frequentes. A maioria dos Kashuiéna, de ambos os sexos, apresentam ventre proeminentes, com baco inchado.

A cor da pele dos Kashuiéna é marrom clara. As mulheres têm um tom de pele quase europeu, visto com mais exatidão quando elas retiram seus saíotes de miçangas para banhar-se, e podemos ver as partes do corpo protegidas do sol pelo saíote.

Por último, deve-se mencionar que a cor dos olhos dos índios Kashuiéna é negra ou castanha.

De acordo com seus depoimentos, os índios Kashuiéna devem ter conhecido, ou melhor dizendo, utilizado diversas técnicas de pesca nos tempos antigos. Eles conheciam redes e armadilhas, envenenavam as águas com ajuda de plantas. Hoje, as armadilhas, redes e envenenamentos pertencem ao passado e caíram no esquecimento. Não se conhece mais a fabricação de armadilhas e, das muitas plantas venenosas utilizadas para pescar, somente uma é lembrada: *nakú*, *Derris guianensis*.

A pesca é realizada nos dias de hoje somente com arco e flecha, assim como anzóis importados, sendo que os anzóis desempenham o papel mais essencial.

É significativo que os Kashuiéna não conheçam nenhum tipo de arpão, ou seja, uma lança cuja ponta é conectada a uma corda longa, e amarrada frouxamente. Suas lanças de pescaria servem apenas para peixes pequenos e são utilizadas somente em locais onde é possível recolhê-las rapidamente (FIG. 9). Essas lanças são mais compridas que lanças de caça; normalmente elas têm mais de 2 m e são tão longas quanto a aljava usada permite (*Gynerium sagittatum*). Elas não têm penas retrizes. A ponta, como descrito acima, é encaixada à lança e fixada de modo permanente. Observei os Kashuiéna durante a fabricação de tais pontas, feitas de lâminas de facas velhas com a ajuda de um machado. Uma corda é fixada na ponta, que vai até a altura de dois terços da lança e ali é amarrada. Ela serve somente para evitar que, ao capturar um peixe e a parte inferior da lança se quebre, a presa não desapareça com a ponta da lança. No passado, usava-se uma ponta de ossos.



Fig. 8. Os cabelos dos homens caem soltos, presos somente com um cordão, possuem uma estrutura firme e lisa.

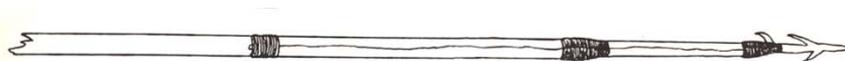


Fig. 9. Lança de pesca com ponta de ferro.

A pesca com anzol também é diferente do habitual. Eles não utilizam iscas, mas sim um pedaço de tecido vermelho em um grande anzol com de 5 a 8 cm. O anzol é preso a uma forte corda de crauá, feita pelos próprios índios. Sempre que é necessária uma corda realmente forte e confiável, é usada a corda de crauá. O fim da corda é amarrado à ponta de uma longa e fina vara. Essa vara tem cerca de 5 m, e a corda, da ponta da vara até o anzol, cerca de meio metro. Sentam-se no barco e deixam-no à deriva, no sentido do fluxo do rio. A vara é segurada contra si, de modo que somente o anzol mergulhe

A parte inferior da lança é produzida com madeira de lei. Nela, a ponta é fixada com a ajuda de resina *uéju*, *Symphonia globulifera L.*, e corda.

A pesca com arco e flecha é praticada predominantemente em terra; a pesca em canoas é realizada somente em pequenos igarapés de águas rasas.

Os Kashuíéna partem bem cedo com suas canoas. Eles procuram uma faixa da margem do rio com pouca vegetação rasteira. Lá, se posicionam atrás das árvores e espreitam a presa. Assim que jogam a lança, pulam logo em seguida para pegá-la de volta. O peixe capturado é escondido nas folhas do chão da floresta, que são empurradas com os pés para o lado para que a pesca continue. Quando a pesca se estende por três ou quatro quilômetros, o Kashuíéna toma o caminho de volta e recolhe os peixes. As folhas, como me explicaram depois, não são empurradas de lado, como eu havia entendido, mas vira-se a parte úmida de baixo para cima, de forma que seja possível encontrar o esconderijo.

na água. Então, são feitos movimentos rápidos, uniformes e abruptos com a vara, de um lado a outro. O peixe capturado dessa forma é somente o aimará. Os outros peixes não mordem o anzol. Esse método é extraordinariamente eficaz. Em um dia, três índios pescaram 16 aimarás, e dentre eles nenhum pesava menos de 10 quilos.

Gostaria de elencar a seguir uma lista de palavras, assim como alguns nomes de espíritos. Essa publicação ocorre apenas agora, pois em minha segunda visita aos indígenas corrigi e conferi os termos a fim de evitar eventuais erros.

Lista de palavras			
pai	<i>pápa</i>	grande	<i>kauú</i>
profundo	<i>mnáchka</i>	doente	<i>twíruchke</i>
morto	<i>tauáiso</i>	doce	<i>tukpuré</i>
hostil	<i>aimanarkári</i>	filho	<i>muríri</i>
povo	<i>iéna</i>	tabaco	<i>tamtaríri</i>
estrangeiro	<i>kuné</i>	gordo	<i>thúsme</i>
ontem	<i>kóniari</i>	água	<i>túna</i>
veneno	<i>thurjém</i>	eu	<i>aúge</i>
sim	<i>ohó</i>	você	<i>amóro</i>
bom	<i>ochtshé</i>	meu	<i>aúge</i>
verde	<i>tshéromne</i>	seu	<i>amóro</i>
amarelo	<i>tsheftshéfneme</i>	dele	<i>oníriri</i>
cachorro	<i>kaikúii</i>	ele	<i>nóro</i>
rápido	<i>órichme</i>	ela	<i>nóro</i>
casa	<i>pháta</i>	barbear	<i>osókhano</i>
alto	<i>kauó</i>	dançar	<i>uanáno</i>
fogo	<i>uéju</i>	beber	<i>uochkúru</i>
terra	<i>róno</i>	cor	<i>tuménure</i>
canaoa	<i>kanáua</i>	sentir frio	<i>krokróimo</i>
faca	<i>maría</i>	vomitar	<i>achtúku</i>
frio	<i>komúri</i>	rir	<i>usónobo</i>
pequeno	<i>kátki</i>	fumar	<i>támu</i>
amargo	<i>t'gne</i>	dormir	<i>konókinge</i>
azul	<i>tuánanem</i>	comer	<i>ktotókinge</i>
macio	<i>tshukóuare</i>	suar	<i>aréhu</i>
largo	<i>tamítake</i>	curandeiro	<i>piáse</i>
irmão	<i>jachkóno</i>	banana	<i>harurú</i>
dia	<i>onmóuru</i>	flauta	<i>rué</i>
hoje	<i>sóro</i>	cesto	<i>háta</i>
filha	<i>jiómtiri</i>	brinco	<i>panátsire</i>
muitos	<i>ihmó</i>	chocalho	<i>maráka</i>
muito	<i>ihmó</i>	faixa amarrada	<i>mami</i>
mãe	<i>máma</i>	rede (de deitar)	<i>odeóto</i>
noite	<i>kokó</i>	arco	<i>práigma</i>
piranha	<i>phóne</i>	remo	<i>jarímna</i>
vermelho	<i>tákpíre</i>	pente	<i>ojámkse</i>
peneira de mandioca	<i>manári</i>	miçanga	<i>arguéte</i>
jangada	<i>ohihi</i>	banquinho	<i>muréima</i>
sal	<i>tshúra</i>	sapo	<i>mavnamkári</i>
floresta	<i>jutú</i>		
preto	<i>tshariném</i>		

Lista de nomes de plantas utilizadas pelos Kashuiéna no dia a dia	
<i>maíuru</i>	algodão
<i>patshímna</i>	cipó
<i>janarajár</i>	tucumã (<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.)
<i>prágma</i>	tecoma (<i>Tabebuia serratifolia</i> / <i>Tecoma Heptaphyla</i> Mart.)
<i>owuêke</i>	marajã (<i>Astrocaryum humile</i>)
<i>tshutshúwi</i>	cabaça (<i>Crescentia cujete</i>)
<i>kuehí</i>	caraipé (<i>Licania scabra</i>)
<i>iliáua</i>	craua
<i>práue</i>	cana-do-rio (<i>Gynerium sagittatum</i>)
<i>kamarásua</i>	jatobá (<i>Hymenea courbaril</i>)
<i>totkó</i>	castanha-do-pará (<i>Bertholetia exelsa</i>)
<i>ohíhi</i>	guanandi (<i>Calophyllum brasiliense</i>)
<i>kíumu</i>	bacaba-de-leque (<i>Oenacarpus distichus</i> ou <i>bacaba</i> Mart.)
<i>póho</i>	jatáuba (<i>Syagrus cocoides</i> Mart.)
<i>machkaíwaru</i>	seringueira (<i>Hevea brasiliensis</i>)
<i>onomtowarí</i>	castanha americana (<i>Sloanea dentata</i> L.)
<i>onómto</i>	urucuzeiro (<i>Bixa orellana</i>)

Espíritos

Espíritos	
Bons:	
<i>Kamaurí</i>	da saúde
<i>Uochkima</i>	da festa
<i>Míta</i>	
<i>Mekoanáisi</i>	das montanhas, das florestas
<i>Pumkajána</i>	do céu
<i>Omijumá</i>	do cultivo da terra
<i>Tarítpo</i>	da maloca (casa)
Maus:	
<i>Tóchkuma</i>	do trovão
<i>Kheauikósi</i>	das florestas
<i>Punarepó</i>	
<i>Tshuíkara</i>	da doença
<i>Tshipáraua</i>	da água
<i>Tshpítpo</i>	
<i>Panáritpo</i>	da maloca
<i>Pianoisí</i>	da caça

Os índios Kashuiéna do rio Cachorro (não tive oportunidade de visitar os do rio Trombetas durante a segunda viagem) encaminham-se para

uma ampla aculturação. O primeiro sinal que me chamou a atenção durante minha segunda visita foi uma nova casa, cuja forma de construção em nada se parecia com a sua própria técnica (FIG. 10). É uma casa construída em marcado estilo caboclo, de planta retangular, um telhado de duas águas coberto de folhas e paredes de folhas de palmeira entretecidas.

A recém-surgida casa é provida de um buraco para a janela e uma porta pendurada com arame. Somente a técnica de cobertura de telhado dos Kashuiéna foi mantida (FIG. 11).

Quando eles notaram nossa presença no rio, começou uma agitação notável. Todos correram para se vestir e então se precipitaram os homens em calças curtas e as mulheres em vestidos de algodão sujos e rasgados. Aparentemente, eles o fazem somente quando da visita de pessoas totalmente estranhas, pois após uma hora as mulheres já circulavam utilizando suas vestimentas originais (saiotes de miçangas) e os homens com suas faixas, a não ser os poucos que não possuíam mais tais faixas. Nem todos usavam mais os habituais adornos (Polykrates 1957: 34) em seus braços e cotovelos. Flechas e arcs existem somente para pescar. Para caçar, utilizam espingardas. Em 1957, havia disponível somente duas carabinas velhas, do tipo mais barato, mas agora todos os adultos possuíam uma boa espingarda de retrocarga.



Fig. 10. O recém-introduzido tipo de casa Kashuiéna caboclo.

A cerâmica nativa é gradualmente substituída por utensílios de alumínio. Entretanto, surge um novo tipo de recipiente de fabricação própria, o *potátshki* (FIG. 12). Essa ocorrência se explica pela introdução de novos tipos de líquidos na cozinha, no caso o xarope de açúcar de cana-de-açúcar. O caldo de cana é cozido até virar xarope (com um sabor delicioso de biju). O novo recipiente possui uma abertura estreita. Por isso, é fácil de cobrir e proteger o conteúdo doce contra insetos e formigas, uma vez que há poucas garrafas disponíveis.

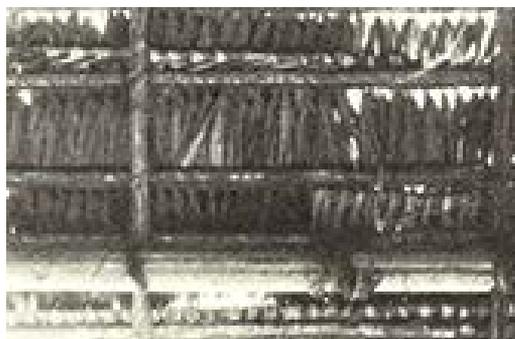


Fig. 11. A técnica primitiva de cobertura de telhado dos Kashuiéna foi mantida nas casas do tipo caboclo.

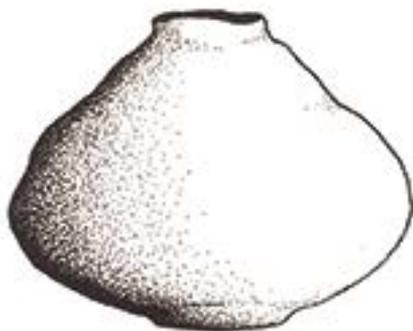


Fig. 12. *Potátshki*, a nova forma de recipiente. De 25 a 30 cm de altura e de 30 a 40 cm de largura.

A agricultura também se enriqueceu. As seguintes plantações foram introduzidas:

- Arroz - *arros* [sic] (o nome brasileiro foi mantido);
- Pimenta - *asése* (introduzido anteriormente pelos *Pianocotós*);
- Inhame - *nahô* (já cultivado pelos Kashuiéna do rio Trombetas).

Os Kashuiéna ainda se ocupam com a derrubada de cedros, os quais vendem aos brasileiros.

As pirogas também foram substituídas por barcos de fabricação e origem brasileiras. A jangada já pertence ao passado. Além disso, foi observado que 90% das redes utilizadas são de origem e fabricação brasileira e cada uma delas possui mosquiteiros. Escovas e pasta de dentes são quase objetos corriqueiros. Muitos homens possuem camisas, calças compridas e sapatos, que vestem somente durante suas visitas a povoações brasileiras.

Os cabelos de 11 homens adultos e crianças não são mais compridos, com exceção de apenas três homens. Eles apresentavam um penteado quase europeu.

Os curandeiros abandonaram sua experiência adquirida em medicina natural. Iodo e diversos medicamentos estão disponíveis nas malocas. Em caso de dor de dente e grandes acidentes, eles visitam os médicos no povoado brasileiro de Oriximiná. Todos foram batizados na igreja cristã. Após encerrarmos nossa visita, após um dia de viagem no curso do rio, encontramos um monge franciscano em companhia de um chefe Kashuiéna. Eles estavam a caminho da maloca para, como nos relatou, converter dois casais à religião cristã, apesar de já serem casados e terem filhos, e um deles ser um curandeiro. O monge franciscano havia sido chamado a pedido dos índios.

Por fim, a fabricação de “farinha”⁴ faz parte do cotidiano. São utilizados para tanto um forno feito a partir de um modelo brasileiro e panelas de cobre importadas pelos brasileiros.

4 (N.T.) Palavra em português no original alemão.

POLYKRATES, G. Contribution to the anthropological, ethnographic, and linguistic study of the Kashuíena people and the acculturation phenomena. *R. Museu Arq. Etn.* 37: 66-75, 2021.

Abstract: This text stems from Polykrates' visits to the then-called Kashuíena people (Katxuyana), residents of the Cachorro river, in 1957 and 1958-59. Initially, it addresses anthropological aspects of the people, more precisely related to physical anthropology, highlighting the morphology of their feet and their body as a whole, as well as their physical appearance. The text also presents a brief characterization of their way of life and a list of words in the local language. Finally, it describes some situations that, according to the author, reveal a rapid process of acculturation on the part of the Kashuíena.

Keywords: Physical anthropology; Kashuíena language; Acculturation; Fishing; Way of life.

Referências bibliográficas

- Cramer, K. 1925. *Der Plattfuss*. Enke, Stuttgart.
- Hass, J. 1934. *Konservative und operative Orthopädie*. Springer, Wien.
- Mau, C. 1927. Der Klumpfuss. *Ergebnisse der Chirurgie und Orthopädie* 20: 361506.
- Polykrates, G. 1957. Ein Besuch bei den Indianern am Rio Trombetas. *Ethnos* 22: 128147.
- Polykrates, G. 1959. Zweiter Besuch bei den Indianern am Rio Trombetas. *Ethnos* 24: 208212.
- Polykrates, G. 1960. Einige Holzschnitzereien der Kashuíena-Indianer. *Folk* 2: 115120.
- Steggerda, M. 1943. Stature of South American Indians. *American Journal of Physical Anthropology* 1: 520.